



## Agricultura Urbana como uma alternativa: sua ocorrência no bairro Santa Amélia, Maceió/AL

Ana Maria Melo<sup>(1)</sup>; Maria Claudicea da Silva Salustiano<sup>(2)</sup>;  
Cirlene Jeane Santos e Santos<sup>(3)</sup>; Ricardo Santos de Almeida<sup>(4)</sup>

Página | 389

<sup>(1)</sup>Estudante do curso Geografia Licenciatura da Universidade Aberta do Brasil (UAB)/Universidade Federal de Alagoas (UFAL); [anamelo\\_xd@hotmail.com](mailto:anamelo_xd@hotmail.com);

<sup>(2)</sup>Estudante do curso Geografia Licenciatura da UAB/UFAL; [kal\\_salustiano@hotmail.com](mailto:kal_salustiano@hotmail.com);

<sup>(3)</sup>Professora e Coordenadora do curso Geografia Licenciatura da UAB/UFAL e docente dos cursos Geografia Licenciatura e Geografia Bacharelado do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente (IGDEMA), Coordenadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO) da UFAL; [cirlene.ufal@gmail.com](mailto:cirlene.ufal@gmail.com);

<sup>(4)</sup>Professor do curso Geografia Licenciatura da UAB/UFAL. Pesquisador do NUAGRÁRIO; [ricardosantosal@gmail.com](mailto:ricardosantosal@gmail.com).

**RESUMO:** Este artigo apresenta as ocorrências de Agricultura Urbana praticada no bairro Santa Amélia, localizado na cidade de Maceió - Alagoas, o intuito do trabalho é discutir como a Agricultura Urbana é desenvolvida nesta localidade, qual a sua importância nas relações econômicas, sociais e ambientais do bairro. Nessa pesquisa, entendem-se como Agricultura Urbana as práticas agrícolas realizadas em pequenas áreas dentro da cidade, destinada à produção de cultivos para autoconsumo e/ou para comercializar em pequena escala nos mercados locais. Para o desenvolvimento do trabalho utilizou-se de levantamento bibliográfico sobre a temática, a fim de compreender a Agricultura Urbana e de que forma esta vem sendo desenvolvida e entendida em um contexto geral; realizou-se pesquisa de campo para coleta de dados, com aplicação de entrevista semiestruturada. A pesquisa centrou-se nas observações e levantamentos em um sítio no qual o proprietário e sua família são migrantes da zona rural de Alagoas e tem no cultivo da terra a fonte principal de obtenção de renda para o sustento familiar. Os cultivos são desenvolvidos de maneira consorciada, predominando o cultivo de feijão, macaxeira, inhame, banana, coco, milho, abóbora e batata doce. Parte da produção é destinada ao autoconsumo da família e o excedente é comercializado de “porta em porta” no bairro e em uma improvisada barraca montada em frente ao sítio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agricultura Urbana, Geração de Renda, Autoconsumo.

**ABSTRACT:** This article presents the occurrences of Urban Agriculture practiced in the Santa Amélia neighborhood, located in the city of Maceió - Alagoas, the purpose of the work is to discuss how Urban Agriculture is developed in this locality, what its importance in the economic, social and environmental relations of the neighborhood. In this research, urban agriculture is understood as the agricultural practices carried out in small areas within the city, intended for the production of crops for self-consumption and/or for small-scale marketing in local markets. For the development of the work we used a bibliographical survey on the subject, in order to understand Urban Agriculture and how it has been developed and understood in a general context; field research was carried out for data collection, with the application of a semi-structured interview. The research focused on observations and surveys in a site where the owner and his family are migrants from the rural area of Alagoas and has in the cultivation of land the main source of income for family support. The crops are developed in a consortium, predominating the cultivation of beans, macaxeira, yam, banana, coconut, corn, squash and sweet potatoes. Part of the production is destined for self-consumption by the family and the surplus is marketed door-to-door in the neighborhood and in an improvised tent set up in front of the site.

**KEYWORDS:** Urban Agriculture. Income Generation. Self-Consumption.

## INTRODUÇÃO

A Agricultura Urbana tem se inserido nas cidades atualmente, atuando como ferramenta pontual para enfrentar alguns desafios do tão discutido desenvolvimento sustentável, sendo estimulada amplamente por uma rede de fatores cruciais na sociedade, como a pobreza, ocupação irregular de áreas, marginalidade e principalmente a insegurança alimentar. Hoje, as cidades que se distanciaram do campo, estão, ainda que de forma tímida, resgatando ações bucólicas como uma forma de trazer o bem-estar e a qualidade de vida para as “selvas de pedra”. Essas ações surgem também como forma de política pública que vem com o objetivo de construir alternativas, principalmente, para os que saíram do campo e não conseguiram absorção no mercado de trabalho das cidades.

Página | 390

Tendo como objetivo da pesquisa analisar o desenvolvimento da agricultura urbana no bairro Santa Lucia, em Maceió, será discutido a importância de práticas agrícolas no meio urbano, visando enfatizar a importância dessa, que vem crescendo progressivamente em muitas cidades do mundo, particularmente nos países mais pobres, tornando-se uma estratégia dinâmica para auxiliar na geração de renda e na melhoria da qualidade de vida de comunidades urbanas carentes, possibilitando ainda, a criação de um ambiente urbano melhor.

Neste sentido, este trabalho vem mostrar qual a importância que a sociedade urbana precisa dar a agricultura, entendendo que ela também pode se caracterizar como fonte de geração de renda, originando algumas mudanças positivas na cidade, como melhor distribuição de renda e o resgate de famílias que estão abaixo da linha de pobreza.

Entende-se por Agricultura Urbana a prática de culturas agrícolas nas áreas urbanas. A terra utilizada pode ser privada ou pública, centrada em ruas e terrenos baldios ou nas margens de rios e córregos, ou ainda, nas margens das vias públicas. Embora seja considerado um elemento novo nas cidades, atualmente vem sendo gradativamente incorporado à gestão urbana, buscando a diminuição da pobreza, por meio da geração de renda e empregos. Desta forma, Segundo Roese (2003, p. 3) a Agricultura Urbana é compreendida como “[...] atividade agrícola realizada em pequenas áreas dentro de uma cidade, ou no seu entorno (peri-urbana), sendo destinada à produção de cultivos para utilização e consumo próprio ou para a venda em pequena escala ou em mercados locais”.

A agricultura no meio urbano, quando praticada de modo apropriado poderá, segundo o Comitê de Agricultura (COAG, 1999), aumentar a quantidade de alimentos disponíveis, melhorando a segurança alimentar em épocas de crise ou grave escassez de alimentos, aumentando o grau de frescor de alimentos perecíveis e ainda oferecer oportunidades de empregos produtivos em um setor onde os obstáculos ao ingresso são de pouca importância. Mougeot (2000) relata que o conceito de agricultura urbana é ampliado quando são analisadas as contribuições de sua prática para o meio ambiente e para a saúde humana, por constituir importante forma de suprir os sistemas de alimentação urbanos, relacionando-se com a segurança alimentar e o desenvolvimento da biodiversidade e por proporcionar melhor aproveitamento dos espaços, contribuindo, dessa forma, para o manejo adequado dos recursos de solo e da água. O poder curativo das plantas medicinais também é componente da qualidade de vida proporcionada pela agricultura urbana (DIAS, 2000).

A agricultura urbana é definida por Minag (2000) como a produção de alimentos dentro do perímetro urbano aplicando métodos intensivos, tendo em conta a relação homem-cultivo-animal-meio ambiente e as facilidades da infraestrutura urbanística que propiciam a estabilidade da força de trabalho e a produção diversificada de cultivos e animais durante todo o ano, baseando-se em práticas sustentáveis que permitem a reciclagem dos rejeitos. Geralmente, boa parte de quintais domésticos e terrenos baldios são destinados ao acúmulo de lixo e entulho. A limpeza dessas áreas e sua utilização para plantio e outras formas de produção proporcionam melhoria considerável ao ambiente local, diminuindo a proliferação de vetores das principais doenças, como roedores e insetos (MACHADO e MACHADO, 2002).

Contudo, este sistema agrário urbano ainda está em processo de expansão, particularmente nos países em desenvolvimento, nos quais os sistemas urbanos de suprimento alimentar não são acessíveis a uma grande parte da população. Por isso, os moradores urbanos encontram nessa prática, uma forma de suplementar sua alimentação diária e reforçar seus orçamentos domésticos, cultivando seus próprios alimentos e vendendo o excedente para mercados locais. Neste sentido, a agricultura urbana refere-se não apenas à colheita de produtos de hortaliças e cultivo de árvores frutíferas nas cidades, mas envolvem diferentes tipos de cultivo tais como: plantas medicinais, aromáticas e ornamentais, bem como diferentes tipos de criação.

Uma ampla compreensão de agricultura urbana deve levar em consideração as várias atividades familiares para obter segurança alimentar individual e comunitária nas cidades, vai ao encontro da necessidade adicionais da população urbana, tais como:

desenvolvimento urbano sustentável, geração de emprego e renda, proteção ambiental, entre outros aspectos.

Quando a agricultura urbana aparece como atividade para o embelezamento, lazer e melhoria ambiental das cidades, o fato de que ela é fruto do trabalho braçal e que demanda uma jornada não é evidenciado. Parece ficar subentendido que a agricultura urbana é um trabalho que não tem valor remunerável, apesar de sua produção material e localizada.

O rápido crescimento populacional nas cidades é causado não só pela migração da população rural para os grandes centros urbanos, mas também pelo seu crescimento nas próprias cidades. Desemprego, baixa qualidade dos serviços básicos (abastecimento de água, de alimento, habitação, saúde, educação, transporte, economia dos gastos, facilidade de acesso ao mercado) e falta de alimento são algumas consequências desse crescimento. A densidade populacional e a carência de planejamento urbano também contribuem para um quadro de “crise permanente”. A agricultura urbana é importante porque as condições das cidades requerem a produção intensiva de alimentos perecíveis (frutas, verduras e raízes). Proporciona, ainda, qualidade consideravelmente maior ao ambiente local através de áreas verdes, destacando-se as hortas comunitárias familiares, a arborização urbana com árvores de várias espécies e o uso de plantas ornamentais medicinais.

Estes tipos de alimentos que são ricos em nutrientes essenciais são bastante consumidos nas cidades. Informações sobre consumo e educação nutricional também são necessárias, enfatiza-se ainda que as possibilidades de emprego e geração de renda fornecida pela a agricultura urbana também oferece o potencial de aliviar a insegurança alimentar de muitas pessoas que desenvolvem esta atividade.

Além destes aspectos ressalta-se que a existência de espaços desocupados tais como terrenos baldios precisam ser saneados posto que, representa um meio de acúmulo de lixo e conseqüentemente favorece o aparecimento de vetores como: mosquitos, ratos, moscas, baratas, escorpiões entre outros insetos perigosos para a saúde da população. Nesse sentido incentiva-se o investimento em áreas públicas ou privadas, visando garantir a melhoria da qualidade de vida da população tanto no ponto de vista nutricional, visando uma melhor alimentação sem utilização de insumos químicos.

## A agricultura urbana como uma alternativa

O que se analisa através da pesquisa é que o desenvolvimento agrícola na cidade de Maceió contribui para o desenvolvimento econômico das áreas mais carentes e periféricas, permitindo mudanças na vida da população, transversalmente pelo acesso a diversos alimentos com qualidade, ajudando desse jeito, no combate a fome. Que de acordo com Pessoa (2004, p. 32) “a agricultura urbana pode diminuir ou contribuir para aliviar os gastos com a alimentação dessas famílias, admitindo melhores condições de existência”.

Outro ponto relevante que foi analisado neste trabalho, diz respeito à destinação e utilização de terrenos cedidos por empresas para as práticas agrícolas, possibilitando, a transformação ambiental dessa região, pois, esses ambientes deixam de ser local para acumulação de lixo e uso de drogas. Neste sentido, nos orienta Cribb (2009, pg. 4):

[...] o incentivo e o investimento em áreas públicas ou privadas ociosas, garantem a melhoria da qualidade de vida da população, tanto do ponto de vista nutricional, quanto da utilização de uma mão-de-obra disponível e até mesmo proporcionando qualidade consideravelmente maior ao ambiente local através de áreas verdes.

O *locus* da pesquisa apresenta um panorama de uma região que vem crescendo economicamente e comercialmente, baseada em vários aspectos, entre eles o desenvolvimento independente da agricultura no local, que se fundamenta, sobretudo, como objetivo de aumentar a renda familiar dos proprietários e/ou ocupantes da terra, que de modo indireto vai ao encontro do enfrentamento da pobreza e da fome, mesmo sem incentivos das políticas públicas.

Neste contexto, coaduna o que Cribb (2009, p.11) analisa, mostrando que “as ações que promovem a agricultura urbana nas cidades, vêm crescendo cada vez mais, objetivando o fortalecimento da segurança alimentar e desta forma enfrentam o fantasma da pobreza, melhoram a gestão ambiental e a saúde da população desprovida”. Porém, como a localidade apresenta uma população, que em sua maioria é carente, a agricultura urbana precisa ser vista mais atentamente pela Prefeitura de Maceió e pelo do Governo de Alagoas, que devem amparar e apoiar essas práticas, já que o citado estado se constitui em um dos mais pobres do Brasil, precisando encontrar caminhos para diminuir os problemas que a desemprego, da pobreza e da fome assolam a sociedade, como tráfico de drogas, a criminalidade e a violência, fazendo da Agricultura Urbana uma saída para a resolução dessa conjectura.

O trabalho na Agricultura Urbana fortalece a base econômica e tendem a diminuir a pobreza. Acredita-se que estar voltada não só a colheita de produtos hortícolas e cultivo de árvores frutíferas, mas aos diferentes tipos de cultivos como em plantas medicinais, aromáticas e ornamentais.

Deve-se levar em consideração a variação da atividade, tais como o desenvolvimento urbano sustentável, geração de emprego e proteção ambiental, o rápido crescimento populacional é causada não só pela migração da população rural, mas pelo crescimento nas próprias cidades. A arborização é de vital importância, com uma maior área verde na cidade a temperatura é tende a baixar, melhora a qualidade do ar, reduz a propagação do som.

## **PROCEDIMENTO METODOLÓGICO**

As atividades realizadas foram operacionalizadas no âmbito da disciplina Geografia Agrária, no Curso de Licenciatura em Geografia EAD – UAB/UFAL. Os procedimentos metodológicos realizados estão pautados em pesquisa bibliográfica, documental e cartográfica da área; pesquisa exploratória de campo e realização de entrevista semiestruturada.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **A agricultura urbana no bairro de Santa Amélia – Maceió**

O bairro de Santa Amélia situado na cidade de Maceió, capital de Alagoas. O bairro foi criado através da Lei Municipal 4.952 em 06 de janeiro de 2000, que dispõe sobre o perímetro urbano de Maceió, a divisão do município em regiões administrativas e inclui o abastecimento da zona urbana e das outras providências (ver figura 1)

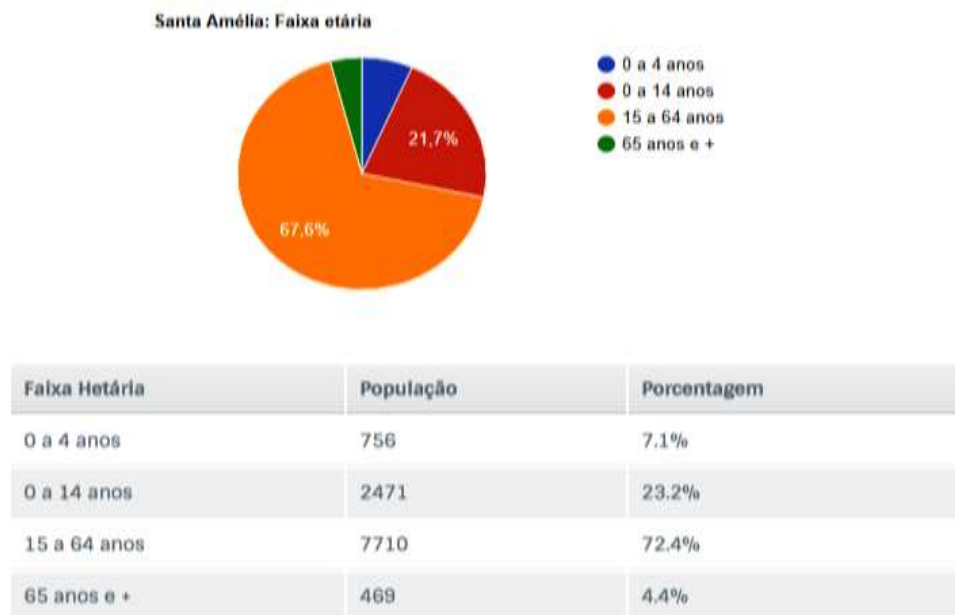
Figura 1. Localização do Bairro Santa Amélia



FONTE: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=9101926>, acesso em 12/12/2015.

O bairro está localizado na parte alta de Maceió, localizando-se a cerca de 30 km do centro de Maceió, tem uma população de 10.649 de acordo com o censo de 2010 do IBGE. A faixa etária está distribuída conforme pode ser visualizada na figura 2.

Figura 2. Faixa etária dos moradores do bairro Santa Amélia – Maceió/AL

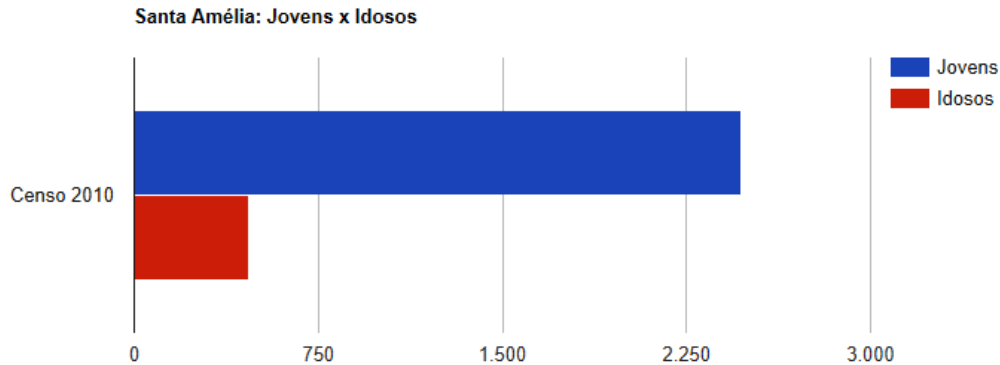


\*Número aproximados devido cálculos de porcentagem

FONTE: [www.populacao.net.br](http://www.populacao.net.br), acesso em 23 de agosto de 2016

Na comparação entre jovens e idosos temos o seguinte panorama, existindo mais jovens que idosos no bairro, ver figura 3.

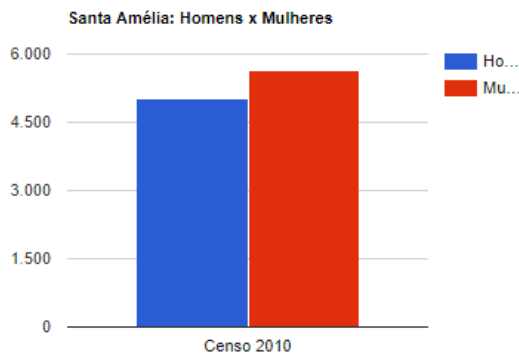
Figura 3. Comparação entre jovens e idosos no bairro Santa Amélia – Maceió/AL



FONTE: [www.populacao.net.br](http://www.populacao.net.br), acesso em 23 de agosto de 2016

Na relação populacional homem x mulher, a população masculina representa 5.023 hab, que corresponde a 47,17 %, a população feminina 5.626 hab, correspondendo a 52,83 %, ver figura 4.

Figura 4. Relação populacional homem x mulher no bairro Santa Amélia – Maceió/AL



FONTE: [www.populacao.net.br](http://www.populacao.net.br), acesso em 23 de agosto de 2016

A pesquisa está centrada no sítio de Sr. Arnaldo e sua esposa, que desenvolve os trabalhos agrícolas juntamente com seus filhos. A família não é proprietária das terras, estas são pertencentes à Companhia Energética de Alagoas (CEAL) e foi disponibilizada a eles para utilizá-la produtivamente. Logo abaixo podemos visualizar a localização do bairro e rua do sítio (ver figura 5).





No decorrer da entrevista, foi notificado que uma parte pequena da produção é retirado para o autoconsumo da família e que o excedente é vendido para comércios próximos, de porta em porta para pessoas do bairro, simultaneamente vendem também aos “clientes certos”, que tem a entrega de suas mercadorias em suas residencias, a venda também ocorre em uma barraca improvisada, montada em frente a sua propriedade.

Os produtos direcionados ao consumo da família em maior escala, são o feijão e a banana, estes também são os mais vendidos para os mercados locais (ver figura 7). No que se refere às razões para a prática agrícolas no meio urbano, os agricultores destacam como principal motivo, a necessidade de aumento da renda familiar – com a venda e o consumo dos produtos, bem como, aparece na tradição familiar, a agricultura como prática de lazer.

Figura 7. Cultivos de banana e feijão desenvolvidos na área pesquisada.



FONTE: Pesquisa de campo, 2015.

O cultivo é consorciado, o agricultor explica: “é uma opção para o pequeno produtor porque a diversificação de culturas, além de permitir um aumento da rentabilidade, impede o risco que ele enfrentaria com a monocultura, caso enfrente algum problema. Se o produtor tiver mais de uma cultura, o fluxo de caixa é permanente

e garante a sustentabilidade de sua propriedade, quando houver problemas de mercado com uma ou outra cultura”(ver figura 8).

Figura 8. Cultivos de batata doce e maxixe desenvolvidos consorciado.



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Durante a observação do terreno e no transcorrer da entrevista, uma das questões levantadas foi à qualidade do solo. O produtor informou que “o solo é muito ruim, eu e minha esposa tivemos muitos prejuízos com algumas plantações este ano, para que ‘vingue’ é necessária uma boa fertilização da terra”.

O seguinte contratempo que relatado foi à dificuldade que eles têm para conseguir pessoas que possam trabalhar, expuseram que “outro problema que temos é a falta de mão de obra para trabalhar, contamos apenas com nós mesmo”.

Sr. Arnaldo ainda resalta que muitas práticas de agricultura urbana são realizadas individualmente ou através da ajuda de membros da família. Além disso, as condições sanitárias são precárias, pois estas atividades estão localizadas em áreas que não tem acesso a rios ou córregos, dessa forma, geralmente os resíduos sólidos e líquidos diversos, são depositados nos limites dos quintais.

Neste trabalho, observou-se que o principal objetivo das atividades agrícolas não estão relacionados à alimentação da família, nem a melhoria de vida da população ao redor e sim no complemento financeiro. Através do abastecimento e venda dos cultivos para mercados locais, este indiretamente contribuem na melhoria alimentar local, isso é

fato. Podemos dizer que a agricultura urbana caracteriza-se como uma forma de autoprodução de folhosas comestíveis e medicinais, raízes entre outros vegetais e animais. Torna-se facilitadora de acesso a alimentos pela família e comunidade, cujo excedente pode ser comercializado localmente.

Ocorre em diferentes locais, como por exemplo, quintais, lajes de cobertura residencial, escolas públicas, terrenos vazios, ao longo de avenidas e faixas de domínio de redes de alta tensão. Revela-se como uma atividade produtiva e interativa que rebate a ideia predominante de que área urbana não construída é sinônimo de área ociosa.

O propósito principal deste trabalho foi apresentar e analisar a frequência do consumo e a produção de alimentos e como estes exercem total influência no modo de vida dos moradores locais, através dos pequenos produtores que vendem e consomem seus produtos na própria região. Por meio da pesquisa exibida, e das imagens, percebe-se que a agricultura urbana aparece fortemente como atividade de lazer e de realização pessoal, descolada da referência do trabalho. Contudo, tal ideia não pode ser generalizada, pois a agricultura urbana é, também, trabalho braçal, como já dito, informal e não remunerado.

Ressalta-se, a demais, que a prática foi pouco citada como atividade econômica principal, porque não traz segurança para o trabalhador. A agricultura é realizada no tempo livre do trabalho formal ou informal em outros setores, quando ele existe, pois a deterioração dos salários e o aumento dos preços dificultam o acesso aos alimentos através das grandes redes de supermercados essa prática brota como uma possibilidade.

## CONCLUSÕES

A autoprodução aparece como complemento que permite reprodução da vida. Com isso, conclui-se que, a insistência em produzir na propriedade, mesmo com muitas dificuldades de acesso e fertilidade do solo vem contribuindo na melhoria da região, principalmente, em relação à ocupação de terrenos baldios e na circulação e ritmo econômico da localidade, que além do mais, tem colaborado com a preservação e cuidado do meio ambiente, preservando a natureza e dando uma qualidade de vida melhor a população das redondezas.

## REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, Daniela Adil Oliveira de. Agricultura urbana: isto e aquilo. COSTA, Geraldo Magela (Org). **Teorias e Práticas Urbanas: Condições Para a Sociedade Urbana**. Belo Horizonte: Com Arte Editora, 2015, p.419-447.
2. COVARRUBIAS, J. D. R. **Agricultura urbana em Porto Ferreira-SP: Mapeamento, caracterização e tipificação**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de São Carlos, 2011.
3. CRIBB, Sandra Lúcia de Souza Pinto e CRIBB, André Yves. Agricultura urbana: alternativa para aliviar a fome e para a educação ambiental. In: **47º Congresso: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**. Porto Alegre, 26 a 30 de julho de 2009.
4. DIAS, J. A. B. **Produção de plantas medicinais e agricultura urbana**. Horticultura Brasileira, Brasília, v. 18, p. 140-143, 2000.
5. FAO. Comitê de Agricultura. La agricultura urbana y periurbana. In: **Documento do Tema 9 del Programa Provisional**. Roma, 25-29, jan. 1999.
6. FAO. Questines de la agricultura urbana. In: FAO AG21. **Revista Enfoques**, jan. 1999.
7. FERREIRA, J. R.; CASTILHO, C. J. M. Agricultura urbana: discutindo algumas das suas engrenagens para debater o tema sob a ótica da análise espacial. In. **Revista de Geografia, Recife**, v. 24, n. 2, p. 6-23, 2007.
8. GIL, A. C. **Métodos e técnica de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
9. MACHADO, A. T.; MACHADO, C. T. de T. **Agricultura urbana**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2002. 25 p. il. (Embrapa Cerrados. Documentos, 48).
10. MENDONÇA, M. M.; MONTEIRO, D.; SILVA, R. M. Agricultura Urbana: ensaio exploratório e pequeno mosaico de experiências. In: **Agricultura na Cidade – Coletânea de textos sobre as experiências desenvolvidas no âmbito do “Programa de Agricultura Urbana” da AST-PTA, na zona Oeste do município do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: AST-PTA. 2005.
11. MINAG. **Lineamientos para los Subprogramas de la Agricultura Urbana para el Año 2000**. Grupo Nacional de Agricultura Urbana. Havana, 1999.
12. MONTEIRO, A. V. V. M. Agricultura Urbana e Peri-urbana: questões e perspectivas. In. **Informações Econômicas**. SP. v. 32, n. 6. 2002.
13. MOUGEOT, L. Agricultura Urbana: Conceito e Definição. In. **Revista de Agricultura Urbana**. 2000.
14. NUGENT, R.; EGAL, F. La agricultura urbana y peri-urbana, seguridad alimentaria y nutricióndomestica. In: **Documento de discusión para la Conferência Electrónica de FAO-ETC/RUAF sobre la Agricultura Urbana y Peru-urbana**, 21 ago. - 30set. 2000.
15. PESSOA C. C.; SOUZA M.; SCHUCH I. **Agricultura urbana e segurança alimentar: estudo no município de Santa Maria – RS**. Segurança Alimentar e Nutricional, Campinas, 13(1): 23-37, 2006.
16. PESSOA, C. C. **Projeto inovador pesquisa a agricultura urbana em Santa Maria**. CCR Notícias, Santa Maria, p. 03, 10 maio 2004.
17. PRIMO, G. A.; FERREIRA T. A.; PINTO, I. de O.; SANTOS, J. P.; FERREIRA J. de S. Mapeamento e caracterização da agricultura urbana no município de Gurupi – TO. In. **Revista Verde** (Pombal - PB - Brasil), v 9. , n. 4, p. 212 - 219, out-dez, 2014.
18. ROESE, A. D. **Agricultura Urbana**. 2003.  
<http://www.agronline.com.br/artigos/artigo.php?id=112&pg=1&n=3>.

19. SANTADREU, A.; LOVO, I. **Panorama da Agricultura Urbana e Periurbana no Brasil e Diretrizes Políticas para sua Promoção: identificação e caracterização de iniciativas de AUP em regiões metropolitanas brasileiras.** Documento referencial geral. Belo Horizonte: REDE, IPES – Promoción del Desarrollo Sostenible, RUAFA – FAO, MDS, SESAN, DPSD n. 4, diciembre 2007.
20. SILVA, G. A. CASTANHO, R. B. **Mapeamento da agricultura urbana no município de Ituiutaba- Minas Gerais Brasil.** Pesquisa financiada pelo Programa de Bolsas Institucional de Iniciação Científica - PBIIC – FAPEMIG/UFU 2010.